“A bicha vai se organizar”: entrecruzamentos entre a trajetória identitária e política de Toni Reis

Izabela de Paula Gomes[1]

Resumo

A abordagem biográfica parte da complexidade das histórias particulares, sendo uma perspectiva importante na ampliação de públicos e do saber histórico para além do espaço acadêmico. O presente trabalho compreende um diálogo entre a história pública e a história oral e tem como objetivo explorar a construção identitária e política de Antônio Luiz Martins Harrad Reis mais conhecido como Toni Reis. Homem gay, professor e ativista Toni é um dos fundadores do Grupo Dignidade, instituição voltada à promoção da cidadania e dos direitos da população LGBTQIA+ em Curitiba, Paraná. Buscamos compreender suas vivências atentando para as subjetividades e sentidos de sua trajetória pessoal e sua atuação pública. Para isso, estruturamos a análise em dois eixos: (I) sua infância e adolescência, marcadas pela “descoberta” da homossexualidade; e (II) sua atuação como ativista, especialmente na fundação do Grupo Dignidade e no enfrentamento da epidemia de AIDS nos anos 1990. O corpus empírico da pesquisa é constituído por uma entrevista semiestruturada com Toni Reis, além de acionar outros materiais como documentos institucionais e livros autobiográficos. A partir da abordagem biográfica, problematizamos o movimento, as mudanças e os caminhos traçados por nosso personagem, entendendo que a vida não se constitui em uma estrada linear, mas sim por meio de caminhos diversos que forjam a experiência dos sujeitos. Toni carrega consigo as concepções oriundas do seio familiar, das experiências vivenciadas e de sua atuação política dentro do movimento LGBTQIA+. Ao longo do percurso, entendemos que as identidades se apresentam de forma fragmentada, sendo característica das sociedades complexas na contemporaneidade.

Palavras-chave

Toni Reis; Trajetória; História Oral; Movimento LGBTQIA+.

O sentido está na travessia

Na construção de identidades, compreendemos que uma trajetória se constitui nos deslocamentos, trânsitos e desvios. Nesse sentido, pensamos na construção de identidade como um percurso de uma viagem, ao longo do qual descobrimos lugares, encontramos pessoas e nos transformamos, deixando e levando de cada espaço que passamos um fragmento de nossa história. (Albuquerque Junior, 2007). Partindo desse entendimento, procuramos percorrer, nesse texto, alguns aspectos que constituem as múltiplas personas de Antônio Luiz Harrad Reis, conhecido como Toni Reis. Nesse caminho, procuramos sinalizar elementos de sua formação

[1]Mestra em História Pública pela Universidade Estadual do Paraná e Pesquisadora do Centro de Documentação Prof. Dr. Luiz Mott (CEDOC LGBTI+). E-mail: izagomes2704@gmail.com

identitária, atentando-se para momentos da infância e adolescência e suas inserções públicas quando da constituição do Grupo Dignidade (GD). Essa organização surgiu em 1992 em Curitiba, Paraná, e tem atuado na defesa pela cidadania de pessoas LGBTQIA+, em um campo de possibilidades marcado pelas eleições democráticas nacionais após o fim do regime militar brasileiro, e pela epidemia do HIV/AIDS na década de 1990.

Essa movimentação advinda de Toni Reis parte de alguns debates e experiências que se constituem a partir do movimento homossexual brasileiro[2] (MHB) e dos rastros de uma memória dissidente em Curitiba, entre os anos de 1970 e 1990. As agitações políticas durante o regime militar fizeram emergir mobilizações através de dinâmicas de alianças e socialidades. Com a eclosão do HIV/AIDS entre as décadas de 1980 e 1990, algumas instituições passaram a realizar ações na luta contra a doença, gerando uma aproximação dos ativistas homossexuais junto a agenda política estadual e federal. Esses novos moldes de atuação ocorrem consoantes ao processo de redemocratização do país (Green, 2018; Quinalha, 2018; Schmitz II, 2023; Macrae, 2018; Fachini, 2003; Fachini, Simões, 2009).

Com base nesse terreno construímos esse texto em dois eixos de discussão: (I) a infância e adolescência de Toni Reis e a "descoberta" da homossexualidade; e (II) seu ativismo na constituição do Grupo Dignidade a partir do combate e prevenção da AIDS na década de 1990. O *corpus* documental que utilizamos é constituído por uma entrevista com Toni Reis , dois livros autobiográficos, relatórios e atas do Grupo Dignidade[3]. Nesse sentido, a trajetória de Toni Reis, ajuda a problematizar o movimento, as mudanças e os caminhos percorridos, entendendo que a vida não se constitui em uma estrada linear.

"Seja você, mesmo sem permissão": nasce um sujeito de sexualidade desviante

Segundo Toni a composição denominada *My Way*, interpretada pelo cantor norte-americano Frank Sinatra, é considerada como a letra que melhor traduz sua vida. Ela foi citada quando realizamos uma entrevista[4], no dia 23 de julho de 2024, na sede do Grupo Dignidade,

[2] Segundo Facchini (2003), o termo movimento homossexual é entendido como o conjunto das associações e entidades, mais ou menos institucionalizadas, constituídas com o objetivo de defender e garantir direitos relacionados à livre orientação sexual.

[3] A entrevista semiestruturada foi realizada em 23 de julho de 2024, na sede do Grupo Dignidade, a pedido de Toni Reis. Optamos pela gravação em audiovisual, pois esse material ficará sob guarda do Centro de Documentação Prof. Dr. Luiz Mott, CEDOC LGBTI+. Os materiais empíricos que compõem a pesquisa também foram disponibilizados pelo acervo a partir da coleção "Grupo Dignidade".

[4] A entrevista com Toni Reis foi realizada em uma pequena sala de atendimento, ele recebeu de forma amistosa e aberta as perguntas, uma característica de sua experiência em lidar com a esfera pública. Ao longo da conversa houve momentos de silêncio, pausa e emoção, em especial quando tocamos em assuntos dolorosos de sua trajetória e ao falar sobre o possível legado de militância à frente da pauta LGBTQIA+.

ao relembrar momentos de sua trajetória e de seus 40 anos de ativismo. A entrevista em história oral, abordagem utilizada nessa pesquisa, configura-se como um campo metodológico e epistemológico marcado pela multivocalidade, acolhendo a interlocução entre as vozes do entrevistado e pesquisador.

Nesse processo, é compreendida não apenas como uma técnica de coleta de informações, mas como um espaço relacional e dialógico, em que se produzem sentidos a partir do encontro entre memórias, expectativas e intencionalidades. O que interessa ao pesquisador nem sempre corresponde ao que o narrador deseja expressar, ocorrendo, portanto, um tensionamento entre expectativa e entrega, entre pergunta e revelação (Portelli, 2010). No diálogo com Toni Reis, essa complexidade se manifestou de maneira evidente. Sua narrativa priorizou acontecimentos que, em sua perspectiva, assume centralidade na construção de sua trajetória subjetiva e política, especialmente aqueles marcados por experiências de superação, enfrentamento de adversidades e afirmação identitária. Havia uma intenção clara de afirmar um percurso de resistência e conquista, mais do que expor sua participação nos sindicatos e partidos políticos. Tal escolha narrativa revela não uma omissão, mas uma intenção, um movimento: o de construir um legado simbólico.

A intencionalidade narrativa, longe de ser um dado isolado, evidencia como a história oral opera como em um território de resistência, sobretudo quando aplicada às trajetórias de populações historicamente marginalizadas. É um campo de disputa de memória, onde silêncios, esquecimentos e lembranças se entrelaçam. Nesse sentido, em consonância com a história pública, a história oral potencializa os registros e amplifica experiências da memória LGBTQIA^{+} a partir da sensibilidade e reconhecimento de quem narra. Em uma dimensão coletiva, tais narrativas não expressam apenas as existências singulares, mas também tensionam os discursos hegemônicos. Elas assumem, assim, um papel político-pedagógico, configurando-se como práticas de história pública comprometidas com a transformação social. Logo, ao acionar um papel de escuta sensível, assumimos a responsabilidade quanto às narrativas daqueles que esperam de nós ouvidos atentos (Rovai, 2011, 2024; Portelli, 2016).

Toni Reis nasceu no dia 20 de junho de 1964 em Limeira, distrito de Coronel Vivida, no Sudoeste do Paraná. Filho da paranaense Maria Conceição dos Reis e de Miguelino Martins dos Reis, de São Leopoldo, Rio Grande do Sul. Viveu uma parte de sua vida na zona rural, com sua mãe e os seis irmãos. Toni relata que gostava de brincar de casinha, tendo uma penteadeira, onde guardava os perfumes, e um armário, que era a cozinha. Quando ganhava carrinhos e bolas, usava-os para compor a decoração da "casa" imaginária (Harrad, Reis, 1996). Por não

apreciar o esporte, relata que os irmãos caçoavam e o agrediam na ausência da mãe, gerando sentimento de medo e aversão.

Desde o nascimento, inicia-se um processo de construção identitária dos sujeitos atravessados por normas que impõem papéis pré-estabelecidos, construidos a partir do modelo hegemônico do homem cis, hétero e branco. Desse modo, a identidade não é fixa, mas constantemente negociada. Nas interações cotidianas, as relações de poder não apenas reprimem, mas também produzem comportamentos (Butler, 2019; Foucault, 1979; Louro, 2004). Essas questões vivenciadas por Toni expressam a pressão social em se conformar a papéis de gênero rigidamente definidos e classificados como masculinidade. Logo, a agressão física é também ampliada por diferentes tipos de violência simbólica. Essa é uma prática de dominação, que atua por meio de mecanismos sociais, culturais e linguísticos, que se manifesta nas relações e no cotidiano (Bourdieu, 2019).

Até os 10 anos, Toni viveu em Limeira e em Pato Branco, Sudoeste do Paraná. Depois mudou-se para Quedas do Iguaçu, na região oeste, considerada para ele sua cidade natal por recordar de maiores detalhes de sua vida (Harrad, Reis, 1996). Nesse caminho, alguns momentos foram significativos e de mudanças expressivas em relação a sua identidade. Entre os 14 e 19 anos enfrentou um conflito pessoal ligado à sua religiosidade, pois almejava a vocação sacerdotal ao tempo que se descobria como homossexual. Ao procurar orientação do padre foi aconselhado a fazer uma novena para Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Após sucessivas “recaídas”, Toni conta ter sido excluído da igreja, afastado do grupo de jovens e dos encontros vocacionais (Reis, Entrevista, 2024). A atitude do líder religioso expressa uma rejeição de Toni Reis dos espaços de sociabilidade que giraram em torno da escola, da catequese e demais atividades litúrgicas em torno da igreja.

A Igreja católica, enquanto formadora de percepções e valores, influencia nos discursos sobre o que é socialmente aceitável. A tensão entre pertencer a um organismo religioso e se sentir excluído atinge não apenas a fé, mas, sobremaneira, sua identidade. Para ser acolhido, deve deixar o “estado de pecado”, como adverte o padre, e acatar os preceitos da religião, o que significa viver uma relação heterossexual (Souza, 2020). Diante das pressões sentidas, Toni teria admitido para sua mãe que era doente e pecador, situação que lhe causava culpa e vergonha. Com o passar dos dias e meses evitava até mesmo sair de casa e manter contato com as pessoas do seu entorno. Esse cenário de isolamento como fuga da realidade vivenciada é acarretado por fatores como medo da rejeição, a falta de apoio, entre outros fatores emocionais que acometem inúmeros jovens LGBTQIA^{+}, ocasionando o que a psicologia denomina como

estresse de minoria[5] (Meyer, 2003; Paveltchuk, Borsa, 2020). Ao falar sobre a homossexualidade para sua mãe, ela teria chorado. Essa reação expressa uma série de aspectos relacionados as suas crenças pessoais, religiosas, valores e expectativas em uma sociedade que assume um modelo heterossexual.

Diante do martírio vivenciado, Toni Reis tenta alcançar soluções em outras religiosidades, buscando diferentes caminhos para a "cura":

> Eu fui na igreja do pastor Gilson, da Assembleia de Deus. Lá tinha de manhã a cura, o sangue de Cristo tem poder. Cheguei e o pastor disse: esse menino tem um problema e vamos orar por ele. O pastor não falou o problema que eu tinha para os membros da igreja. Rezamos seis meses, mas não deu certo (Reis, 2024).

No discurso do pastor, a homossexualidade é vista como um mal que não pode ser exposto à comunidade religiosa. Em um processo de libertação dos desejos, são acionadas orações realizadas em um longo período de tempo. Sabemos que a "cura gay" nas igrejas evangélicas, estabelecidas por meio de campanhas de "cura e libertação", expressam a homofobia presente nas instituições (Natividade; Oliveira, 2009). A frustração diante da falta de resultados leva Toni e sua família a recorrerem a um pai de santo. Este, por sua vez, afirmou que o jovem teria uma Pombagira com duas cabeças desgovernadas. A solução, então, seria fazer uma oferenda, levando batom e champanhe, o que foi feito, com a ajuda de sua mãe e seus irmãos. Dentro de religiões de matriz africana, a Pombagira é considerada um exu feminino que lida com questões amorosas e desejos sexuais. Sendo no quimbanda uma entidade ligada às fraquezas humanas, ela transita entre os mundos espiritual e humano (Prandi, 2022; Barros, 2007).

Toni se encontrava sem esperanças sobre o que sentia em relação ao desejo por pessoas do mesmo sexo. Diante do insucesso das novenas e orações familiares, a "cura" da homossexualidade poderia vir pela medicina, quando sua mãe o acompanhou a uma consulta com o doutor Antônio Freire, em Pato Branco. Ao revisitar essa memória, Toni afirma que o especialista lhe teria informado sobre sua homossexualidade. O profissional, além disso, teria aconselhado o jovem a se dedicar aos estudos e se deslocar para uma cidade maior, devido à discriminação enfrentada nas regiões interioranas. Essa postura se difere da abordagem

[5] O estresse de minoria (EM) é uma teoria que defende que as minorias sociais enfrentam fatores estressantes que levam o adoecimento mental devido à constante opressão. O termo ganhou destaque com o psiquiatra americano Ilan Meyer durante a década de 1990 (Meyer, 2003).

tradicional e patológica, que via a homossexualidade como desvio mental. Em um exercício de solidariedade e apoio, o médico aponta alternativas para que Toni pudesse viver de maneira autêntica.

Ao falar das pequenas cidades, vemos a valorização de tradições e aspectos morais que colidem com as identidades alternativas, causando sofrimento a esses indivíduos. Essa possível "aceitação", nos grandes centros, faz emergir múltiplos trânsitos e dinâmicas nas metrópoles. A diversidade cultural e os diferentes fluxos identitários possibilitam a construção de sociabilidades, e de um espaço destinado ao público homossexual formando uma rede de apoio a esses sujeitos. Durante a década de 1970, as relações entre pessoas do mesmo sexo começam a sair da "clandestinidade" para ocupar locais públicos e que, posteriormente, se tornam palco de uma espécie de resistência pública (Macrae, 2018; Feitosa, Silva, Zacarias, 2020).

Desse modo, em 1984 inicia sua formação acadêmica no curso de Letras pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Escolheu esse curso em período noturno, pois trabalhava durante o dia para se sustentar durante essa época. Na mudança para Curitiba, se engajou em questões políticas e sociais, participando de agremiações políticas, como o Partido dos Trabalhadores (PT), e frequenta movimentos estudantis e de professores. Morou na Casa do Estudante Universitário do Paraná (CEU), assumindo a liderança de 414 estudantes cujo mandato se estendeu de 1987 a 1988. Nesse período, enfrentou a violência e a discriminação em relação a sua identidade perante a comunidade estudantil. O jornalzinho feito por estudantes contrários à sua candidatura, por exemplo, questionava sua liderança por ser homossexual. Esse episódio demonstra os desafios que indivíduos LGBTQIA^{+} enfrentam em diferentes ambientes e mesmo em posições de liderança (Reis, 2024).

Ao lançarmos o olhar sobre uma biografia e reduzindo a escala de observação, temos como foco desvendar os fios que ligam as esferas do indivíduo e da sociedade, sem que uma se sobreponha à outra (Levi, 1992; Schmidt, 1996). Entender a construção identitária de um sujeito envolve a compreensão das diferentes camadas que o constitui. Na dinâmica das relações cotidianas, observamos que, enquanto estudante, esses eventos vivenciados por nosso viajante são mais que situações passageiras, pois revelam a (in)tensidade das trocas humanas, das disputas de poder que ocorrem nas micro relações, de maneira horizontal (Foucault, 1979). Logo, podemos compreender como o sujeito e a sociedade mutuamente se impactam. Toni Reis parece ter se desviado da rota determinada desde o nascimento e buscou criar estratégias, a fim de seguir sua própria estrada.

A construção pública de Toni Reis e a formação do Grupo Dignidade

Como Antônio Luiz Martins dos Reis se tornou Toni Reis? Essa foi uma das indagações que nos fizeram refletir sobre a construção de uma figura pública conhecida por parlamentares e ativistas do movimento LGBTQIA+. Desse modo, buscamos compreender a construção da sua persona política e o surgimento do Grupo Dignidade, ocorrido em meio as eleições democráticas nacionais em 1989 e as ações em torno da epidemia do HIV/AIDS.

Após se formar em Letras, em 9 de março de 1989, Toni embarca na Europa. Entre 1989 e 1991, participou de manifestações e movimentos organizados. Estando em países como Espanha, Inglaterra, França e Itália, se engajou no ativismo, tendo participado em 1989, em Viena, da primeira conferência da Associação Internacional de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Transsexuais e Intersexos (ILGA). Nessa ocasião, durante passagem pela Inglaterra, conheceu David Harrad, que passaria a ser seu esposo e com quem convive há 34 anos.

Em 1991, ambos embarcam para o Brasil. Influenciados pelas experiências políticas do movimento homossexual brasileiro, decidiram fundar um grupo de luta. No início, Toni Reis, seu companheiro David Harrad e cinco amigos, todos professores, criam o Grupo de Entendidos e Entendidas do Paraná (GEEP)[6]. Posteriormente, a instituição passa a adotar o nome Grupo Dignidade, pela Conscientização e Emancipação Homossexual. Fundado em 14 de março de 1992, atuava inicialmente de maneira informal, realizando reuniões quinzenais no próprio apartamento, situado na Rua Cruz Machado, 353 (Ata Fundação, 14 mar. 1994). O intuito do grupo era compartilhar experiências, questionamentos, dúvidas e discussões acerca da homossexualidade. Toni Reis narra sobre a importância em obter o registro formal do Dignidade, afinal, a institucionalização, além formalizar a existência, conferiria legitimidade legal e social para os projetos que se almejavam desenvolver a partir do grupo.

O Grupo Dignidade surge no processo de transformações políticas e novos moldes do movimento homossexual brasileiro, em um momento que explodia no Brasil a epidemia da AIDS. Com ela, a população evidenciou outras violências para além das repressões policiais. A desinformação trouxe à tona discursos religiosos, que enxergavam na doença um castigo de Deus, como resultado da prática pecaminosa. Além disso, a mídia estampava nas páginas de jornais rostos famosos e as consequências letais da doença. Por meio de uma chuva de distorções e equívocos, iniciou-se uma onda de perseguição a homossexuais, gerando um

[6] O termo "entendido" refere-se aos homossexuais que tinham medo de se expor, buscando uma forma de se identificar de uma maneira menos explícita devido a discriminação que esses indivíduos enfrentavam.

pânico moral no que tange a liberdade sexual, colocada por diferentes setores da sociedade como promiscuidade e impureza (Luca, 2011; Pelúcio, Miskolci, 2009).

Entre as décadas de 1980 e 1990, o movimento homossexual esteve relacionado a políticas de enfretamento da AIDS. Porém, é importante ressaltar as tensões quanto à agenda da epidemia e dos movimentos sociais. Alguns grupos homossexuais, como o Arco Iris e o Triângulo Rosa do Rio de Janeiro, não assumiam esse papel de combate do vírus por buscarem se dissociar dessa pauta em função dos marcadores estigmatizados (Caetano, Nascimento, Rodrigues, 2018). Outras organizações, se alinharam aos programas de políticas públicas para o combate da doença, se articulando na luta de enfrentamento e assumindo uma agenda política na promoção de cidadania e direitos humanos (Andrade, 2002). Essa parece ter sido a postura do Grupo Dignidade, que se aliou à pauta, na busca em combater e promover a prevenção e informação a sociedade sobre o vírus.

O mote das reuniões do Grupo Dignidade girava em torno das causas da homossexualidade. Encontrando-se aos sábados, contava com homossexuais de diferentes classes sociais, que frequentavam o espaço por diversos motivos: dúvidas sobre o HIV/AIDS, preconceito, rejeição familiar, solidão, curiosidade, entre outros. Toni conta que enviava cartas para grupos do movimento nacional e internacional além de dialogar com o Grupo Pela Vida Paraná[7], que trabalhava com questões relacionadas ao HIV/AIDS.

Uma das primeiras ações da organização consistiu na criação do boletim informativo Folha de Parreira, por meio do qual eram divulgadas as ações desenvolvidas. As primeiras edições do jornal, datilografado por David Harrad e impresso em folha A4, começou por intermédio da doação do material pela Secretaria Municipal de Saúde. Nesse momento, o grupo de amigos que se reuniam quase que clandestinamente começam a ser conhecidos, de sorte que foram chamados para uma rodada de entrevistas no Jornal Comunicação da Universidade Federal do Paraná, além de serem solicitados para contribuírem na mobilização política da Reforma Constitucional, que aconteceria em 1993 (Grupo Dignidade, 2008).

Em 1992, segundo dados da Secretaria Municipal de Saúde de Curitiba, o número de pessoas com HIV/AIDS contabilizava 182 casos, além de 131 óbitos registrados. Nesse cenário, o Grupo Dignidade, representado por Toni Reis, e o então secretário de saúde do Estado, Nizan Pereira, vão a público em um debate televisivo, cujo objetivo era discutir estratégias de combate

[7] Grupo fundado em 1989, no Rio de Janeiro, por Herbert Daniel, era composto por pessoas portadoras do HIV/AIDS. Procuravam apresentar uma resposta comunitária para o enfrentamento da epidemia, além de discutir questões relacionadas à cultura do pânico, do preconceito e da estigmatização. Possuíam vários núcleos no país e no Paraná se localizava na Rua Carneiro Lobo, 35, Água Verde, Curitiba. Para saber mais acessar: www.pelavidda.org.br.

à epidemia que se expandia na capital e no Paraná (Grupo Dignidade, 2008). Esse episódio se configurou como um debate em torno da saúde coletiva, pautado na busca por políticas públicas. Toni mostra um possível caminho ao falar da utilização de preservativos por parte da população, considerando a preocupação com o avanço da doença.

Discutir esse assunto na esfera pública se dava, em grande medida, pela falta de informação. Ao falar de medidas a serem tomadas pela Secretaria de Saúde, o secretário admitia as dificuldades e a falta de preparo e conhecimento das equipes. Como atender e acolher esses indivíduos?. Diante disso, Toni Reis e o Grupo Dignidade se colocaram como agentes que atuavam nas ações de enfrentamento da doença, dialogando com o poder público e a comunidade. Da aproximação com as autoridades de Curitiba, surge a primeira sede do Grupo Dignidade localizada na travessa Tobias de Macedo 53, 2° andar (Reis, Entrevista, 2024). Esse espaço foi alugado, mediante um convênio vinculado à Secretaria do Estado para a realização dos encontros da organização. Esse movimento expressa como Toni Reis traçou uma estratégia de trabalho dialogando com os setores públicos da cidade. Essas parcerias permitem que nosso viajante e o Grupo Dignidade transitem em locais de destaque político, o que demonstra o jogo de interesses na efetivação de políticas públicas e consequentemente angariar apoio.

A necessidade de conter o avanço da doença promoveu uma série de medidas, como a conscientização do sexo seguro através da utilização de preservativos. Nessa esteira, nasceu dois importantes projetos do Grupo Dignidade, o *Arrastão da Vida* e o *Arca de Noé.* O Arrastão da Vida se configurou como primeiro projeto do Grupo Dignidade, implementado em 1993. Financiado pela Secretária da Saúde, a iniciativa buscava tirar dúvidas sobre o que era e como se dava a transmissão da AIDS aos trabalhadores do sexo, como michês[8], e travestis, além colaborar na distribuição de preservativos a essa população. O nome "Arrastão" surgiu em contraposição aos arrastões policiais, que tinham como intuito a higienização e violência contra a população homossexual curitibana. Nessa construção de políticas públicas na cidade, o Grupo Dignidade se estabeleceu como ponte entre o governo e a sociedade. As ações do projeto ocorriam em boates, clubes, e em pontos conhecidos, como a Praça Tiradentes, a rua XV de Novembro e a Praça Carlos Gomes (Grupo Dignidade, 2008).

[8] Termo utilizado para se referir ao profissional do sexo masculino, que oferece serviços dessa natureza em troca de dinheiro.

Imagem 1: Materiais produzidos para conscientização sobre HIV/AIDS (1993)

Fonte: Acervo Centro de Documentação Prof. Dr. Luiz Mott – CEDOC LGBTI+

Já o Arca de Noé foi um projeto financiado em 1994 pelo Programa Nacional de Controle de DST e Aids, Ministério da Saúde e Banco Mundial, e buscava informar homens homossexuais sobre HIV/Aids e estimular o sexo seguro. A denominação "Arca de Noé", segundo Toni, se refere à narrativa bíblica alusiva ao dilúvio. O *design* do cartaz do projeto trazia uma camisinha em formato de uma arca, com "todos os gays entrando na camisinha", pois a epidemia caracterizou um dilúvio, ou seja, ocasionou a morte de inúmeros homossexuais (Reis, 2024). A partir do projeto foram criados cartazes, folhetos e materiais informativos, incluindo o Super Babado Forte, primeiro super-herói gay soropositivo dos quadrinhos, que ensinava sobre o sexo seguro de modo didático. O grupo também ocupava espaços públicos de Curitiba, como a Boca Maldita, especialmente no Dia Mundial de Combate à Aids, e usava a imprensa alternativa como o Jornal *Folha de Parreira* para ampliar a conscientização e divulgar suas campanhas.

Imagem 2: Materiais informativos sobre o Projeto Arca de Noé (1994-1995)

Fonte: Centro de Documentação Prof. Dr. Luiz Mott (CEDOC LGBTI⁺)

Apesar dos esforços e da luta pela conscientização sobre o uso da camisinha, a epidemia da AIDS era tratada como tabu, dentro e fora dos círculos de homossexuais. Sendo uma doença associada à morte, havia um silêncio por parte daqueles que adquiriam o vírus. O medo de uma suposta identidade homossexual ser descoberta causava pânico, predominantemente, para aqueles que possuíam relações homoeróticas, de modo que a solução era negar a identidade e assumir, forçosamente, a heterossexualidade. Além disso, o vírus, de caráter sexualmente transmissível, era combatido a partir dos discursos da família tradicional e de instituições como a Igreja Católica que enfatizavam a monogamia como alternativa preventiva. Logo, a fidelidade se contrapõe à promiscuidade que, sob equívoco, seria inerente à própria identidade homossexual. A moralidade sexual ganha força a partir do advento do HIV/AIDS, chamando atenção para o "estilo de vida" adotado pela sociedade (Costa, 1992; Macrae, 2018; Sontag, 2007).

Nesse processo, Toni Reis, até então, professor da rede pública na cidade de São José dos Pinhais, ganha os olhares da imprensa local. Sendo presidente do Grupo Dignidade, ele representava a instituição em reportagens e veículos midiáticos. Nas palavras de José Carlos Reis, editor do Jornal Gazeta do Povo, Toni virou um "personagem que os repórteres viviam atentos". A importância de ir a público e reivindicar os direitos era uma bandeira levantada no Grupo Dignidade. Falar abertamente sobre sexualidade em um período marcado pelos estigmas da homossexualidade era estar diante do medo e da insegurança, em uma cidade que se afirmava modelo europeu (branco, hetero e cis) na narrativa oficial. Na verdade, a construção de Curitiba

se deu a partir da negação das diferenças e pela invisibilidade perante outros sujeitos históricos que participaram da formação do município (Moraes, Souza, 1999).

Assumindo esse caráter enquanto uma figura pública, Toni Reis debatia sobre as distorções de discursos que iam contra a camisinha e sua eficácia em relação ao sexo seguro. Desse modo, a epidemia do HIV/AIDS se configurou como um momento de evidência para Toni Reis e o Grupo Dignidade. A partir de ações de prevenção e conscientização, temos a construção de uma visibilidade pública em diálogo com a agenda política a nível municipal, estadual e federal. Essas alianças trouxeram a discussão envolvendo políticas públicas em prol da saúde e da população considerada nesse contexto grupo de risco. Essa postura é fruto da terceira onda do movimento homossexual, em que o processo de organização se modificou a partir das articulações com o poder público e a cobrança de posicionamento inclusivo do Estado.

Algumas considerações

Acompanhamos, no decorrer desse texto, alguns caminhos tomados por Toni Reis, demonstrando como sua identidade se constituiu a partir de um processo contínuo. Entender sua trajetória é evidenciar um processo de luta que conta com desvios da norma e elaboração de novas estratégias para (re)existir. Para alcançar seus objetivos e construir ações em prol da defesa da população LGBTQIA^{+}, Toni dialoga com diferentes setores públicos, que apresentam perspectivas políticas diferentes, tanto de direita quanto de esquerda. Contraditório ou diplomático? Talvez, esperávamos uma trajetória constituída na linearidade e coerência. Por outro lado, sabíamos da complexidade que cada indivíduo assume em suas tomadas de decisões e na construção de sua narrativa individual.

Sabemos das lacunas no que concerne à memória dessas identidades no Paraná e das poucas pesquisas que se debruçam nessa temática no campo da História. Nesse sentido, é que nos sentimos impulsionados a problematizar a trajetória de Toni Reis, entendendo que cada indivíduo possui sua singularidade e complexidade. A identidade não é uma construção estática e linear, mas um processo dinâmico que dialoga, constantemente, com o campo de possibilidades. Toni Reis é, portanto, a junção de concepções oriundas do seio familiar, das experiências vivenciadas e das alianças que constituiu na militância. Entendemos, nesse movimento, que as identidades são fragmentadas: característica marcante das sociedades complexas na contemporaneidade.

Ao pensarmos sobre suas vivências, compreendemos sua relevância junto ao Grupo Dignidade na construção de um ativismo que atuou em prol da luta de direitos a comunidade LGBTQIA^{+} em Curitiba. Enquanto representante da instituição, buscou combater e conscientizar questões sobre o HIV/AIDS em um cenário em que os discursos estigmatizavam esses indivíduos, ora colocados como "bodes expiatórios". Vemos a intersecção entre a luta individual e coletiva, em que questões identitárias ligadas a sexualidade se entrelaçam em seu ativismo.

Sabemos da necessidade em discutirmos essa temática, a fim de evidenciar trajetórias até então não acionadas, democratizando o saber científico e o compromisso ético junto aos movimentos sociais. Diante disso, sinalizamos que essa estrada não termina aqui, mas permite abrirmos novos caminhos através de outras pesquisas. Elaborar um trabalho como esse é articular as demandas do presente, descortinando uma história marcada por um passado silenciado, criminalizado e demonizado dentro das narrativas tradicionais.

Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. de. A singularidade: uma construção nos andaimes pingentes da teoria histórica. In: ___. **História:** a arte de inventar o passado. Ensaios de teoria da história. Bauru: Edusc, 2007, p. 247-254.

ANDRADE, Augusto José de Abreu. **Visibilidade gay, cotidiano e mídia**: Grupo Arco-Íris consolidação de estratégia. Um estudo de caso. 2002. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Universidade de Brasília, 2002.

ATA DE FUNDAÇÃO. **Grupo Dignidade**. 14 de mar. 1992.

BARROS, Sulivan Charles. A simbólica da violência e da transgressão no universo da quimbanda. **Caminhos**, v. 5, n. 1, p. 107-127, jan./jun. 2007.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina e a condição feminina e a violência simbólica**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2019.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

CAETANO, Marcio; NASCIMENTO, Claudio; RODRIGUES, Alexsandro. Do caos re-emerge a força: AIDS e mobilização LGBT. *In*: GREEN, James N; QUINALHA, Renan; CAETANO, Marcio; FERNANDES, Marisa (Org.). **História do Movimento LGBT no Brasil**. São Paulo: Alameda, 2018, p. 279-295.

COSTA, Jurandir Freire. **A inocência e o vício**. Rio de Janeiro: Relume e Dumará, 1992.

FACCHINI, Regina. Movimento homossexual no Brasil: recompondo um histórico. **Cad. AEL**, v. 10, n. 18/19, 2003.

FACCHINI, Regina; SIMÕES, Júlio Assis. **Na trilha do arco-íris**: do movimento homossexual ao LGBT. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2009.

FACCHINI, Regina. **"Sopa de letrinhas"? Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90: um estudo a partir da cidade de São Paulo**. 2002. Dissertação (Mestrado em Antropologia) Departamento de Antropologia do IFCH, UNICAMP, Campinas, São Paulo, 2002.

FEITOSA, Cleyton; SILVA, Elder Luan dos Santos; ZACARIAS, Vinicius Santos da Silva. Reflexões críticas da mesa "Ser 'gay' de interior". **Cadernos de Gênero e Diversidade**. Salvador, v. 6, n. 2, p. 310-332, 2020.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

GREEN, James N. **Além do carnaval**: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX. São Paulo: Editora Unesp, 2020.

GRUPO DIGNIDADE. **Uma história de dignidade** – contribuindo para a construção da cidadania de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais (LGBT). Curitiba: Grupo Dignidade, 2008.

LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. *In*: BURKE, Peter. **A escrita da história**. São Paulo, SP. Unesp, 1992, p. 133-161.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**: ensaio sobre a sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MACRAE, Edward. **A construção da igualdade**: política e identidade homossexual no Brasil da "abertura". Salvador: EDUFBA, 2018.

MEYER, I. H. Prejudice, social stress, and mental health in lesbian, gay, and bisexual populations: conceptual issues and research evidence. **Psychological Bulletin**, v. 129, p. 674-97, 2003.

MORAES, Pedro Rodolfo Bodê de; SOUZA, Marlene Garcia de. Invisibilidade, preconceito e violência racial em Curitiba. **Revista de sociologia política**, s/v, n. 13, p. 7-16, nov. 1999.

NATIVIDADE, Marcelo; OLIVEIRA, Leandro. "Nós acolhemos os homossexuais": homofobia pastoral e regulação da sexualidade. **Tomo**, s/v, n. 14, jan./jun. 2009.

PAVELTHUK, Fernanda de Oliveira; BORSA, Juliane Callegaro. A teoria do estresse de minoria em lésbicas, gays e bissexuais. **Revista SPAGESP**, v. 21, n. 2, jul./dez. p. 41-54, 2020.

PELÚCIO, Larissa; MISKOLCI, Richard. A prevenção do desvio: o dispositivo da aids e a repatologização das sexualidades dissidentes. **Sexualidad, Salud y Sociedad**, n. 1, p. 125-157, 2009.

PORTELLI, Alessandro. Sempre existe uma barreira: a arte multifocal da história oral. *In*: PORTELLI, Alessandro. **Ensaios de história oral**. São Paulo: Letra e Voz, 2010, p. 17-43.

PORTELLI, Alessandro. **História oral como arte da escuta**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

PRANDI, Reginaldo. Pombagira e as faces inconfessas do Brasil. **Revista Estudos Afro-Brasileiros**, Itanhaém, v. 3, n. 1, p. 79-132, jan./jun. 2022.

PROJETO ARCA DE NOÉ: Homossexuais x Aids. **Relatório**. Curitiba, maio 1994.

REIS, Toni; HARRAD, David. **Direito de Amar**: a história de um casal gay. Curitiba, 1996.

REIS, Toni. **Entrevista concedida a Izabela de Paula Gomes**. Curitiba, 23 jul. 2024.

ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira. Aprendendo a ouvir: a história oral testemunhal contra a indiferença. **Revista de História Oral**, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 149–166, 2011. Disponível em: https://www.revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/313. Acesso em: 05 maio 2025.

ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira. Ocupar espaços e tecer histórias: as paradas de Alfenas e a dimensão pública das memórias LGBTQIA+. *In:* SCHMIDT, Benito Bisso (Org.). **História pública e queer**. São Paulo: Letra e Voz, 2024, p. 69-87.

SCHMIDT, Benito Bisso. O gênero biográfico no campo do conhecimento histórico: trajetória, tendências e impasses atuais e uma proposta de investigação. **Anos 90**, v. 4, n. 6, p. 165-192, 1996.

SONTAG, Susan. **Doença como metáfora/AIDS e suas metáforas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SOUZA, Alessandra dos Reis de. **"A Boa Nova também é para mim"**: **novos sentidos sobre as homossexualidades no Projeto Aprisco.** 2020. 135f. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento. Universidade Estadual do Paraná, Câmpus de Campo Mourão, Campo Mourão, 2020.